

Gama, 74 mil eleitores e um reduto forte

A acompanhada pela líder comunitária Maria Romero, cujo maior sonho é ser vereadora do Gama — “com a ajuda de Deus e da professora” —, a candidata Eurides Brito (PFL) percorre as casas do Setor Sul daquela cidade-satélite, em mais um corpo-a-corpo junto aos 74 mil eleitores gamenses.

Vestindo calça jeans e camisa, sapato baixo já tingido pelo barro vermelho das ruas, a professora explica que foi naquela satélite que sua campanha deu os primeiros passos, há exatamente um ano. Foi quando o filho de Maria Romero, que servia à candidatura como office-boy do Conselho Federal de Educação, apresentou-a àquela de quem terminou se tornando o maior cabo eleitoral.

Reforçando o staff da pefelista, a professora Lourdes, do Complexo Escolar do Gama, é outra das entusiasmadas ajudantes de Eurides Brito em suas peregrinações eleitorais. Segundo garante, a sua candidatura terá votação expressiva em todo o Distrito Federal porque o povo reconhece seus esforços na área educacional: “Além disso, é um nome muito fácil de trabalhar. Quem não vota nela, também não critica”.

SEM PEDIDOS

“E a mulher da televisão” — grita uma criança, alertando seus companheiros para a presença de Eurides na rua. A esta altura, a candidata já entrou na casa da eleitora Maria José Franco, cozinheira do Clube Comércio de Taguatinga e que, estranhamente para qualquer um que já tenha acompanhado candidato em contato com eleitor, não tem nenhum pedido a fazer.

A cozinheira, didaticamente, a professora explica que

não pretende afastar-se da comunidade caso seja eleita, “como todo político faz depois da campanha”. Por isso, vai manter escritórios permanentes nas cidades-satélites como pontos de ligação com o eleitorado.

A conversa não demora muito. É só o tempo de tomar o suco de fruta oferecido pela eleitora (“Já engordei oito quilos desde o início da campanha”, confessa Eurides) e deixar na casa o indefectível santinho. A referência ao número, é claro, vem através de recursos de memorização: “2515 — dia do Natal e dia da eleição”.

VOTO DE MULHER

A casa seguinte a ser visitada é a da eleitora Maria Lúcia Lima que recebe a candidata no portão e implora que não entre. “Está tudo desarrumado. Se vocês tivessem avisado que viriam, eu tinha limpado a casa e até preparado um bolo”.

Nas paredes do barraco de Lúcia, cartazes recém-rasgados dos peemedebistas Lindberg Aziz e Joselito Correia. Mas a eleitora garante que embora ainda não tenha definido seu voto, escolherá apenas mulheres para a Constituinte: “Os homens já mandaram muito tempo neste País e não conseguiram resolver nada. Agora, é a vez das mulheres”.

Enquanto conversa no portão, Eurides é abordada por outra eleitora que quer a extinção da Terracap. Depois de ouvir pacientemente a história das vizinhas da mulher, despejadas pelo órgão por falta de pagamento, a candidata explica que não adianta simplesmente acabar com a Terracap para substituí-la por outra entidade, “mas rever toda a política habitacional do Distrito Federal e do País.

CASO MARCIA

“Estou mesmo precisando da generosidade de seu voto” — brinca a candidata ao abordar a eleitora Generosa da Silva. Telespectadora assídua dos programas de propaganda eleitoral, dona Generosa elogia os candidatos que “têm conversa animada” e critica os “antipáticos”. Lamenta, ainda, os problemas que “a filha do finado” (Márcia, Kubitschek) tem enfrentado em sua campanha.

Dona de uma casa que concentra seis eleitores, excluindo o marido que é dentista prático e eleitor em Luziânia, a moradora do Gama não prometeu votar em Eurides Brito, mas demonstrou simpatia pela primeira candidata que conheceu “ao vivo”.

Já Teodora dos Santos, maranhense há 23 anos residindo em Brasília, se declara, sem qualquer constrangimento, uma eleitora “em cima do muro”. Por quê? “Porque de promessa eu ando chela”, justifica, demonstrando claramente o seu desprezo em relação à classe política.

A candidata aproveitada para criticar, ela também, a “personalidade gelatinosa” que caracteriza o político brasileiro. E adverte a eleitora: “Se eu tiver que mudar a minha maneira de ser para ter sucesso na política, Deus me fará perder esta eleição”.

Os retrocessos do Plano Cruzado são outro motivo de desencanto para a maranhense Teodora. Ex-fiscal do Sarny, “das mais entusiasmadas”, lamenta que agora seja obrigada a pagar ágio para adquirir até os produtos de primeira necessidade.

CAMISETA

Francisco da Costa, oito filhos e uma neta, é dono do bar-

raco visitado a seguir pela candidata pefelista. Enquanto limpa as unhas com um palito de fósforo, ele justifica sua presença em casa no meio da tarde, em plena quinta-feira, alegando doença. A mulher, diarista no Plano Piloto, só voltará à noite.

O cearense, de 55 anos, faz parte do enorme contingente de eleitores indecisos do Distrito Federal. Embora tenha um sobrinho trabalhando na campanha do pedetista Alceu Sanches, ainda não sabe para quem irão os dez votos da família, mas identifica-se com Eurides (é a própria candidata quem estabelece a relação) porque ambos gostam de rapadura e de baião-de-dois: ele é cearense, ela é filha de cearenses.

Valkiria, filha de Francisco, já fez dezoito anos mas não vai votar porque só aniversariaria em setembro, o que se configura, pelo menos no entender de Eurides Brito, numa inconstitucionalidade. “Ora, a Constituição diz que estarão aptos a votar os que, no dia das eleições, forem maiores de dezoito anos. Não estipula datas anteriores a 15 de novembro. Acho que deveria haver uma urna em separado para essas pessoas, que votariam mediante a apresentação da carteira de identidade”.

Embora não vote, a moça pede uma camiseta à candidata, que é obrigada a explicar que não encontra o produto no mercado: “Já no primeiro semestre, os candidatos ricos compraram todo o estoque de camisetas da cidade. Quando eu fui aprovada pela convenção do partido e tentei comprar algumas, simplesmente não encontrei mais, de modo que não tenho um centésimo do que os outros oferecem. Mas não troque seu voto por camiseta, não: ele vale muito mais”.